

## Palavras e Imagens: a forma mentis da cultura barroca

### A CULTURA VISUAL DE JERÔNIMO NADAL E SUA REPERCUSSÃO PARA A CONSOLIDAÇÃO IDENTITÁRIA JESUÍTICA.

Aluna: Isabel Cristina Fernandes Auler  
Orientadores: João Masao Kamita e Silvia Patuzzi

#### **Introdução**

No século XVI, o mundo católico europeu presenciou o crescimento de um movimento denominado *devotio moderna*, que ressaltava a imitação da vida de Jesus. Tal proposta religiosa já havia sido elaborada muito antes deste período, contudo, ao enfatizar a imagem de Cristo como atuante no mundo, a devoção setecentista afastou-se do caráter predominantemente místico das proposições anteriores, passando a preocupar-se também com as conseqüências públicas de práticas devocionais, como a meditação.

A partir de teorias religiosas como a de São Boaventura, na qual a empatia era o principal veículo de aproximação entre Cristo e o devoto, a imagem, durante a Idade Média, alcançara um importante papel na oração contemplativa, devido a seu grande poder patético. No entanto, esta só tornou-se corrente em livros devocionais após o desenvolvimento da xilogravura, e posteriormente da imprensa. A partir daí, devido a sua maior acessibilidade, os elementos visuais passaram a ocupar um lugar de destaque como instrumento contemplativo. Independente das inúmeras funções adquiridas após sua crescente reprodução, o objetivo primeiro permaneceu comum às suas diversas variações: facilitar a passagem da visualização para reconstituição, empatia e, finalmente, imitação de Cristo no mundo.

Em meio a críticas à Igreja Católica, à corrupção e ambição do bispado, passa-se a observar, no início do século XVI, uma nova maneira de vivenciar a religiosidade cristã. A Companhia de Jesus pode ser compreendida neste novo viés, onde a ortodoxia, simplicidade e imitação da vida de Cristo são preconizadas. Durante o decorrer deste século percebemos o rápido crescimento desta ordem pela Europa e suas colônias ocidentais e orientais. A relevância de um estudo sobre a Companhia de Jesus decorre desta influência não apenas religiosa, como também política, uma vez que os colégios e universidades jesuítas ganharam extremo reconhecimento e importância, durante este período. Compreender o “modo de proceder” desta ordem religiosa significa, portanto, aproximar-se da formação intelectual de uma elite que influenciou não apenas a cultura política européia como também a americana devido ao colonialismo presente na época moderna.

#### **Objetivos**

Desenvolver uma reflexão sobre a importância da imagem e seus artifícios retóricos para a prática meditacional jesuítica, proposta por Nadal em sua obra **Adnotationes et Meditationes in Evangelia**. Posteriormente, mapear a repercussão da obra nadalina para, com isso, desenvolver uma reflexão sobre a relevância da obra em questão para a consolidação da identidade jesuítica.

#### **Metodologia**

Após a leitura de textos que conceituem e contextualizem a palavra imagem no século XVI/XVII, mais precisamente imagens meditacionais; além de estudos sobre metodologia, que apontem a especificidade do trabalho do historiador perante o documento imagem - ou seja, as técnicas retóricas inerentes a sua produção, assim como a carga subjetiva e sua determinação espacial e temporal - torna-se necessário fazer um levantamento bibliográfico de Jerônimo Nadal e sua influências. Apenas com a identificação do sujeito em seu tempo, o papel que possui na sociedade na qual está inserido e os autores que ajudaram a formar sua concepção do “modo de proceder” jesuítico, tornar-se-ia possível a elaboração de uma hipótese sobre o motivo da constituição da obra e análise de sua cultura visual.

## Conclusão

Baseado em narrativas bíblicas sobre a história da salvação do homem, o livro **Adnotationes et meditationes in Evangelia** [1] contém gravuras que ilustram determinadas cenas da vida de Jesus Cristo. Cada imagem possui uma série de letras e suas respectivas *adnotationes* que, além de identificar os personagens e locais históricos, demarcam o processo narrativo, que deve ser acompanhado pelo espectador.

De acordo com Diego Jimenez, assistente de Nadal e responsável pela organização do livro após sua morte, o livro de meditação originou-se de uma sugestão de Inácio de Loyola; sua proposta consistia em uma extensão do método de oração dos Exercícios Espirituais a todo o ano litúrgico, através da formulação de pontos para a meditação juntamente com comentários e ilustrações.

*“Ignácio, um dia disse a Jerônimo Nadal, o quão proveitoso seria para a meditação e oração dos jovens religiosos da Companhia de Jesus, se alguém reduzisse os escritos evangélicos, lidos durante as missas de domingo, através de tópicos específicos ou pontos para a meditação, além de complementá-los com sua exegese apropriada e com imagens.”*[2]

Nadal reclamou tal tarefa para si, atrelando a cada gospel sua história - uma retomada acurada dos escritos de outros evangelistas - e uma ilustração. Para cada lição do evangelho - 153 mistérios da salvação presentes nas leituras da Bíblia -, nosso autor designou uma imagem e fixou uma anotação que apresenta o local e o tempo histórico, no qual tal evento bíblico ocorrera, além de uma meditação sobre cada episódio.

De acordo com Coupeau a obra nadalina em questão era destinada a leitores de fora da Companhia de Jesus, uma vez que *“tratan de los mismos temas del instituto de la Compañía y de asuntos propios a ella (pero) los tratan, sin embargo, para un lector que no conoce bien a la Compañía”*. [3]

Jimenez, contudo, afirma que este trabalho dirigia-se à comunidade jesuíta:

*“Note nas Anotações e nas Meditações, que Nadal escreveu seu texto para religiosos. Seu objetivo primeiro não era escrever para um auditório comum, mas sim para jesuítas, especialmente os jovens escolásticos.”* [4]

No entanto, devido a seu valor pedagógico e artístico, o livro, de fato, alcançou grande repercussão e circulou por um público muito mais amplo e diversificado. Paul Hoffaus, assistente do Fr. Geral Mercurian, na expectativa de conseguir fundos para a publicação do livro, escreveu uma carta ao Papa Clemente VIII descrevendo-lhe a relevância dos escritos nadalinos:

*“... útil e benéfico a todas as classes de pessoas que sabem latim, especialmente aos candidatos ao sacerdócio... o livro não só é desejado por europeus, como também por missionários nas Índias, que utilizando as imagens, poderão mais facilmente cooptar novos cristãos pelos mistérios da redenção humana, os quais são difíceis de compreender através da pregação e catecismo”*. [5]

Mas o que aqui nos interessa é o objetivo primeiro de Jerônimo Nadal, ou seja, a proposta de uma obra imagética sobre a vida de Jesus Cristo, direcionada a Companhia. Qual

seria a relevância da utilização de imagens em uma obra que não almejava converter? Para responder a essa pergunta devemos fazer um levantamento bibliográfico do jesuíta em questão pois, à medida que compreendamos sua formação intelectual e papel na Companhia de Jesus, tornar-se-á possível apreender a relevância da produção desta obra para Nadal. Ele foi um dos primeiros a juntar-se a Companhia; associou-se a ordem em 1545, após fazer os *Exercícios Espirituais* de Loyola.

Considerado um segundo fundador da Companhia de Jesus, a vida de Nadal fora marcada pelas inúmeras viagens que fizera como porta-voz de Ignácio, para a promulgação das *Constituições*.

*“... A claridade do entendimento, cultivado nas universidades de Alcalá e de Paris, o grande juízo prático para tratar dos negócios, a fecundidade de meios para conseguir o que desejava, a atividade e energia no obrar, a muita experiência do mundo (...) a sólida formação religiosa que recebera das mãos do mesmo S. Inácio, faziam de Nadal um superior admirável e apto como ninguém para a obra que desejava fazer o Santo Patriarca.”[6]*

Dentre as inúmeras funções que possuía, uma das mais relevantes consistiu na procura do significado da oração jesuítica, o que o tornou um importante autor espiritual e ascético dentro desta Ordem.

*“O modo de orar da Companhia não deve ir de encontro aos trabalhos que nos são próprios. Por isso é nossa incumbência nos prostrarmos diante desse problema até recebermos de Cristo a habilidade de fazer a acomodação correta”[7]*

A partir deste reconhecimento quanto à existência de um problema a ser resolvido, Nadal aprofundou-se na análise desta complexa relação entre vida ativa e contemplativa. Após a morte de Inácio, ele passou a almejar por um maior conhecimento espiritual místico, o que lhe fez retomar idéias de autores que o influenciaram no passado, em detrimento da teologia de sua época, que acreditava estar envolta em um árido intelectualismo, afastando-se, dessa forma, do caminho à ascese contemplativa e à prática pastoral. Ao retrazar os passos nadalinos - refiro-me aqui a sua formação intelectual – podemos notar que sua defesa da imagem, provavelmente, possui resquícios de estudos anteriores a sua adesão a Companhia de Jesus. Sua formação na Universidade de Alcalá, por exemplo, pode dar-nos algumas pistas sobre a constituição de sua cultura visual.

De acordo com Marcel Bataillon, os vinte anos que precederam o período da Reforma são extremamente relevantes para o estudo da vida religiosa espanhola, pois nos ajudam a compreender sua atitude perante o protestantismo. Para o autor, o Cardeal Jimenez de Cisneros, fundador da Universidade de Alcalá, possui um importante papel na construção desta nova espiritualidade espanhola, que vê nas ordens monásticas a verdadeira representação dos ideais cristãos, em detrimento de um clero secular cada vez mais afastado do magistério espiritual.

*“Cisneros, fundador de La Universidad de Alcalá, inspirador de La Biblia poliglota, pertence a La historia de La Prerreforma por toda una obra creadora que lo coloca en primera fila entre los promotores de aquella philosophia Christi que va a entusiasmar a Europa, y cuyos destinos en España quisieramos seguir”.[8]*

A criação da Universidade de Alcalá consistiu em uma completa organização do ensino eclesiástico, desde a educação elementar até a superior. A teologia constituiu o eixo determinante de toda essa instituição.

*“De la gramática a las artes liberales, y de las artes a la teología, vivificada por el estudio directo de la Biblia: tal es o camino real y derecho que se abre ante de los jóvenes que Cisneros quiere ver afluir a Alcalá de todas las diócesis de Espana, y volver después a estas diócesis para constituir los planteles de una Iglesia más digna de Cristo”.[9]*

Jerônimo Nadal cursou Artes em Alcalá, além de aperfeiçoar seus estudos de hebreu, latim e grego nesta mesma universidade. O curso de línguas fora inserido na instituição, no

intuito de aprofundar os estudos dos escritos referentes aos Pais da Igreja - como Santo Agostinho, Santo Jerônimo, Santo Ambrósio e etc. -, os Evangelhos e até mesmo Aristóteles, em suas línguas originais.

A Espanha de fins do século XV e início do XVI presenciou a grande propagação de manuais de espiritualidade e a Universidade de Alcalá foi uma das grandes difusoras destas obras, pois participava de suas traduções. Era a expansão do movimento místico, legado por pensadores da Idade Média como São Boaventura, e obras como *La Imitación*, atribuída a Gerson através do título *Contemplus mundi*.

*“Los súbditos de Isabel, en La época en que triunfa en El Norte de Europa La devotio moderna de Windesheim, escuchan con enorme avidez las lecciones de este manual de desprendimiento. Su espiritualidad (...) puede inducir a los seglares a cerrar El oído a los ruidos Del mundo para dialogar con Dios”[10].*

De fato, em meio a críticas à Igreja Católica, à corrupção e ambição do bispado, passasse a observar, no início do século XVI, uma nova maneira de vivenciar a religiosidade cristã. O mundo católico europeu presenciou o crescimento de um movimento denominado *devotio moderna*. Tal proposta religiosa já havia sido elaborada muito antes deste período, contudo, ao enfatizar a imagem de Cristo como atuante no mundo, tal devoção afastou-se do caráter predominantemente místico das proposições anteriores, passando a preocupar-se também com as conseqüências públicas de práticas devocionais, como a meditação.

*“O movimento do século quinze conhecido como devotio moderna enfatiza a idéia de que a melhor vida religiosa consiste na imitação de Cristo e dos Santos. A meditação privada sobre as Paixões de Cristo tornaram-se centrais. (...). Estes (programas de meditação) eram muito práticos, já que o leitor era constantemente instruído a transformar simples meditações em um comprometimento com a imitatio Christi. (...) É verdade que a idéia da imitação já havia sido mencionada em antigos textos latinos (como por exemplo, pelo autor Pseudo-Boaventura); mas agora esta se tornou a raison d’être das práticas meditacionais. A imitação de Cristo não possuía apenas conseqüências pessoais, mas também conseqüências públicas”[11].*

A Companhia de Jesus pode ser compreendida neste novo viés, onde a ortodoxia, simplicidade e imitação da vida de Jesus são preconizadas. Nadal, Ignácio de Loyola, Diego Lainez, dentre outros que fizeram parte da Companhia desde seus primórdios tiveram contato com esse humanismo espanhol em Alcalá, o qual dialogava com a *devotio moderna* difundida no Norte europeu.

*“Desde os primeiros escritos cristãos sobre meditação até os Exercícios Espirituais do Santo Inácio de Loyola, o ato de meditar é concebido (e expandido) nos termos de um paralelo específico com a construção de uma imagem. Aquele que medita precisa detalhar cenas mentais da mesma maneira que o pintor a retrata em seu ofício. E esse paralelo é tomado em um estágio mais avançado. O meditador imita a Cristo assim como o pintor faz seu modelo; e ele o faz tão precisamente por que Cristo foi feito homem, à nossa imagem e semelhança”[12].*

Como podemos ver a expansão de escritos místicos e ascéticos, durante o século XVI, acompanha a valorização das imagens mentais:

*“La primacía que en estos tratados (de ascética y mística que aparecieron en los comienzos del siglo XVI) se le confiere a la facultad óptica, hace pensar que esta facultad es el primero de los caminos que deben recorrerse para encontrarse con Dios.(...) la imaginería mental practicada en los claustros produce, en breve tiempo, una imaginería barroca de signo muy especial”.[13]*

Inácio teve grande influência nesta crescente valorização dos elementos visuais em práticas contemplativas, pois em seu livro, a composição de lugar é a maneira pela qual o devoto, em sua imaginação, consegue visualizar Cristo através da meditação de cenas de sua

vida e a consideração desta evocação concreta como uma realidade presente. Antoine Fabre[14] demonstra como o livro de Nadal pode ser considerado uma extensão desta obra inaciana, *Os Exercícios Espirituais*. Uma aplicação particular da composição de lugar desenvolvida por Inácio. Assim como a imagem nadalina, os exercícios incitam o leitor a meditar sobre histórias evangélicas, construindo uma imagem mental que presentifica ações passadas, comovendo-o e incitando sua participação e posicionamento perante a missão divina no mundo. Contudo, Fabre não identifica a obra de Nadal como uma mera repetição do livro de Inácio, mas sim uma continuação, o que respeita a contribuição do jesuíta, ao invés de relegá-lo a um papel secundário.

David Freedberg[15] também analisa a obra nadalina, a partir de influências inacianas. Porém, o autor recua no tempo, situando ambas as obras – **Os Exercícios Espirituais e Adnotationes et Meditationes in Evangelia** – em um processo mais amplo, que encontra sua origem em autores místicos da época medieval.

Em meados do século XIII, através de teorias religiosas como a de São Boaventura - na qual a empatia era o principal veículo de aproximação entre Cristo e o devoto- a imagem alcançara um importante papel na oração contemplativa, devido a seu grande poder patético. Assim como Tomas de Aquino, Boaventura defendia a utilização pela Igreja Católica de imagens, as quais não só ajudam na catequização dos iletrados e a reforçar na memória os exemplos dos santos, como também excitam as emoções, uma vez que estas são mais facilmente instigadas pelas coisas vistas do que pelas coisas ouvidas. No entanto, esta só tornou-se corrente em livros devocionais após o desenvolvimento da xilogravura, e posteriormente da imprensa. A partir daí, devido a sua maior acessibilidade, os elementos visuais passaram a ocupar um lugar de destaque como instrumento contemplativo. Independente das inúmeras funções adquiridas após sua crescente reprodução, o objetivo primeiro das imagens meditacionais permaneceu comum às suas diversas variações: facilitar a passagem da visualização para reconstituição, empatia e, finalmente, imitação de Cristo no mundo [16].

A teologia mística de Pseudo-Dionysius, por exemplo, foi uma determinante na elaboração da obra Nadalina e, portanto, sua corroboração do potencial imagético não pode ser ignorada. Para o autor em questão, o mundo dos sentidos reflete o mundo do espírito:

*“... pela multiplicidade de símbolos visuais somos levados, hierarquicamente, de acordo com nossa capacidade, à Deus e à virtude divina (...) Nós ascendemos através de imagens visuais para a contemplação do divino”*[17].

Nadal concebe aos sentidos, em especial a visão, um papel muito importante à prática contemplativa, pois através dos “olhos exteriores” o espectador consegue abrir seus “olhos interiores” que o farão enxergar as verdades divinas e compreender sua missão, como companheiro de Jesus. A contemplação da graça divina deveria iniciar-se pela emoção; o coração seria a chave da elevação espiritual, não a mente. Além disso, a transposição do que foi apreendido a uma efetiva ação no mundo era a principal tarefa do jesuíta.

*“Pelo Espírito Santo a Palavra torna-se clara. No amor e na afeição do coração o Espírito Santo é manifesto. Através de seu coração trabalhe com Deus. (...) As revelações dadas nas escrituras devem animar a vida e encontrar preenchimento na ação. Na ação elas são finalmente compreendidas”*[18].

Através de suas experiências espirituais e intelectuais, Nadal conseguiu elaborar uma fórmula, cujos princípios sintetizam o modo de proceder jesuítico: *spiritu, corde, et practice*. Para Nadal, *Spiritu* significa conformar-se inteiramente com a palavra de Deus, resignando-se por completo e tornando-se, assim, um instrumento da salvação. A vontade deve estar a serviço da vocação que lhe foi concedida pela graça divina; nenhuma decisão deve ser tomada sem uma prévia abnegação ao que foi determinado pelo Senhor. *Corde* demonstra a importância do amor, pois, para Jerônimo, não basta a sujeição, uma vez que, com o tempo, o

devoto sentir-se-ia tentado a fazer o que realmente deseja. Por isso, para haver obediência deve-se amar a Deus fazendo da Sua vontade um ato de regozijo interno. No entanto, não se deve apenas contemplar a palavra divina, mas sim encaminhá-la a prática. *Practice*, portanto, consiste nos ministérios jesuítas, cujo objetivo é a salvação das almas.

*“... não se deve cuidar de especulações somente, pois isso seria um erro muito grande; e nestes tempos esta (practice) é o mais necessário a se fazer, porque o mundo está repleto de hereges, os quais pretendendo acabar com as obras, dizem que só a fé basta. Portanto, (...) nós devemos trabalhar para trazer tudo à prática[19]”*

Jerônimo reflete sobre a relação entre o mistério da Encarnação e as representações pictóricas. Ele demonstra que a possibilidade de se alcançar a *graça* deve-se a Encarnação de Cristo, pois a Palavra tornou-se visível, a Verdade tornou-se carne; nossa habilidade cognitiva não é capaz de conceber diretamente Deus, mas nos permite conhecer a sua revelação encarnada. Devido a Sua benevolência, Ele nos concedeu a graça do entendimento através da vinda de Seu filho ao mundo e de sua morte na Cruz.

*“Deus, nosso Senhor comunica a graça nesta vida, e tem já comunicada aquela grande plenitude dela em sua Paixão sacratíssima, com que nos fez capazes a todos de sua glória abrindo o caminho para poder ir a ela e salvar-nos.”[20]*

Com isso, o jesuíta alcança sua principal missão no mundo, que consiste em ajudar a salvar as almas. Até mesmo para esse estágio a experiência visual possui grande relevância, pois será através das recordações do que compreendeu e principalmente através de suas consolações, que ele se tornará capaz de sempre agir conforme a vocação que lhe foi dada. A imagem comunica-se com o espectador, provocando fortes emoções e fixando assim na alma deste uma lembrança, ou imagem interna, capaz de transformar suas faculdades interiores e, com isso, conformar sua atuação no mundo. Nos textos natalinos podemos perceber a importância que o jesuíta relega ao amor. A obediência aos preceitos religiosos está intrinsecamente ligada ao amor do devoto a Deus; para alcançar esse amor Natal aposta em sua cultura visual que alia técnicas persuasivas com um conteúdo religioso que revela a misericórdia divina para com os homens, que ao tornar-se homem e morreu para nos salvar. A compaixão, portanto, torna-se central para a cooptação do leitor, assim como a idéia de que a sua salvação não depende apenas da fé, mas também de ações que perpetuem esse projeto salvífico no mundo.

*“Você deve procurá-los para encontrá-los (a graça e o poder de Deus), para conceber o Espírito de Deus no seu coração (...) Saiba que a graça é oferecida a você e quando seu poder criar raízes em seu coração você poderá transformá-las em ações divinas e fazer trabalhos dignos da divina glória, com Cristo, como se estivesse trabalhando em você”[21].*

A *imitatio Cristhi*, portanto, está intimamente relacionada ao controle da imaginação - uma possível resposta à intensa subjetividade proveniente à época da Reforma - pois adapta a ação dos homens a um arquétipo a ser seguido, a vida de Cristo. Com isso, assemelha-se ao papel da imagem, que também a restringe, na medida em que impõe um modelo, através do qual deve direcionar-se. De acordo com Mellion[22], o ataque a máxima luterana *sola fide* nos ajuda a compreender o caráter ortodoxo do livro, além do constante destaque à idéia de *contemplatio in actione* presente nas meditações natalinas.

*“De um modo geral, os escritores místicos valorizam as imagens por considerá-las necessárias em sua prática de devoção ou, além disso, seguindo o espírito da época, como poderosa estratégia da luta anti-reformista face ao luteranismo”[23].*

Após sua visita à Alemanha, Jerônimo, em uma carta a Inácio, apontou a situação problemática, na qual o país encontrava-se. Ele demonstrou grande preocupação perante a expansão luterana.

*“Acredito que Deus nosso Senhor fundou a Companhia e a entregou a Igreja com o propósito de acabar com esses heréticos e infiéis”[24].*

Com isso, torna-se possível supor que sua emulação ante o protestantismo também tenha influenciado sua alegação sobre as potencialidades dos elementos visuais, assim como a produção de uma obra meditacional, alicerçada no poder imagético. Nesta primeira metade do século XVI, os reformistas radicais, seguidores de Zwinglio, defendiam a iconoclastia, para a qual a figuração, devido a seu caráter puramente mundano e sectário, não poderia ser utilizada como instrumento religioso. A igreja católica, por sua vez, na tentativa de contestar o discurso reformista, revalorizou o uso da imagem por sua eficácia pedagógica. Além disso, Nadal participou da terceira seção do Concílio de Trento, na qual a importância dos sacramentos foi ratificada, assim como a criação de uma nova iconografia sacra, cujo convencimento associar-se-ia ao deslumbramento decorrente das impressões sensíveis.

De acordo com O'Malley[25] a utilização da retórica pelos jesuítas era comum, pois ajudava na acomodação de sua mensagem a diversos públicos. Jerônimo Nadal era um grande conhecedor desta técnica e a utilizou em suas imagens, no intuito de melhor persuadir o leitor/espectador.

*“(...) por ser o produto de uma atividade puramente mental, antecede todo procedimento técnico, sendo a técnica um modo de comunicação que entra em cena apenas quando o imaginado tem uma utilidade social e merece portanto ser comunicado, assim como se comunica um dado de conhecimento ou uma verdade religiosa. Surge assim o problema do estilo (...) que não se refere ao modo da imagem, mas ao modo de comunicar utilmente o imaginado”[26].*

Nadal fazia parte de uma cultura denominada “humanismo devoto”, na qual as obras de Quintiliano eram tidas como alicerce para a formulação de um estilo literário próprio - *ars dicendi*. [27] Em suas diversas exortações sobre as *Constituições* a defesa das letras é uma constante, pois mesmo que a oração faça do homem um religioso, somente a *eloquentia* sagrada o tornaria capacitado a “falar das coisas da fé”, predicar e até mesmo lidar com os hereges. Posto que o “demônio” tende a ser muito persuasivo, o jesuíta, ainda que possua boas intenções e entendimento das verdades religiosas, fracassaria em sua missão salvífica se não obtivesse essa *scientia* do bem dizer.

*“(...) as letras nos hão de servir para pelejar contra tal sábio, que é o demônio e seus seguidores; e devemos persuadir-nos que, assim como a comum graça e o favor da vocação, Deus nosso Senhor também quis que houvesse nela (na Companhia de Jesus) (...) muitos doutores, uns em Filosofia, outros em Teologia, outros em Retórica e Humanas.”[28]*

Jerônimo era doutor em teologia pela universidade de Paris e sua bagagem literária é refletida em suas notas. Dentre as teorias teológicas medievais, a justificação cristã da imaginação elaborada por Tomás de Aquino - “*nihil potest homo intelligere sine phantasmate*” – nos fornece uma chave fundamental para compreender a construção visual presente em seu livro. Neste pressuposto tomista a imagem é concebida como uma forma cognitiva propriamente humana, legitimando, dessa forma, uma arte da memória, na qual a tradição torna-se o transmissor do saber aos elementos visuais, os quais são organizados em nosso interior, como “imagens mentais”. Essa arte da memória alude a uma espiritualidade, pois a construção imagética, saturada de um sentido místico, nos remete à *graça* divina.

*“El camino interior que ascéticos y místicos de los siglos XVI y XVII recorren, está orientado a la consecución de la visión mística, y codificado por una retórica que tiene por tema de su discurso la Historia Sagrada en toda su extensión”[29].*

A memória, que já fazia parte integrante do *corpus* retórico da Antiguidade – referida por Aristóteles, Cícero e Quintiliano – insere-se na tradição religiosa ao tornar-se fundamental à constituição das imagens mentais utilizadas pelos tratados religiosos místicos.

Os tópicos, referentes às anotações alfabeticamente organizadas e indicadas a cada acontecimento representado na imagem, constituem um *aide-mémoire*, pois apresentam em poucas linhas - brevidade essa que facilita a memorização – o tema apresentado na meditação.

Os sentimentos precedentes a contemplação do *invisibilia per visibilia* são preservados na memória do praticante e é a partir destas relíquias que se torna possível manter-se em contato com a graça divina. Portanto, a *reliquiae cogitationum*[30] é a maneira pela qual o devoto, torna-se o instrumento divino na terra, uma extensão das obras de Cristo anteriormente contempladas.

Através da experiência visual apresentada e a partir destas meticulosas anotações, organizadas alfabeticamente, espera-se que o espectador seja condicionado a construir, juntamente com Nadal, uma “imagem mental” referente à cena apresentada. Passo a passo, a ilustração deixa de ser uma produção intelectual particular, de Jerônimo, para tornar-se uma aliança entre autor e receptor. Além disso, as *adnotationes* tinham como principal objetivo manter a atenção do leitor/espectador em momentos essenciais da narrativa bíblica. Somente através de uma compenetração do devoto sob a construção visual, poder-se-ia contemplar as verdades divinas, pois o mero relance não seria suficiente para alcançar a ascensão espiritual [31]. Para Nadal, seu livro seria a solução para o problema da inabilidade de se meditar, resultado da *evagatio* – divagação sem propósito – e *curiositas* – distração[32]. Além disso, assim como a imagem representa o controle da imaginação *ad libitum*, uma vez que a conforma com um poder visual concreto que concorda com a ortodoxia católica, as notações que a acompanham reforçam tal concordância ao não permitir que o espectador interprete erroneamente o que lhe foi apresentado.

*“(...) a meditação ou contemplação é um ato do entendimento e que vem a debilitar a cabeça e as potencias, porque o entendimento não pode obrar como sabem os filósofos, sem a ajuda dos sentidos exteriores e inferiores (...) posto que, ainda que isto (meditação) seja um ato do entendimento, deve trabalhar por discorrer pouco e fazer poucos atos do entendimento e muitos da vontade, detendo-se na Santíssima Trindade, ou na Paixão de Cristo, pondo os olhos Nele posto na Cruz; que isso te moverá logo a compaixão (...) para todos é esta a regra comum acerca do bem orar.”[33]*

Jimenez nos revela que inicialmente a obra consistiria apenas nos elementos pictóricos e suas respectivas notações, sem as meditações, o que ratifica a importância do papel da representação imagética.[34] As imagens também não estavam dispostas em uma ordem cronológica, pois foram organizadas de acordo com o calendário litúrgico, podendo assim estar relacionadas ao *ministerium verbi*. Como a cena cautelosamente articulada, com suas habilidades construtiva e interpretativa, o discurso, quando eloquente, também é capaz de criar imagens mentais influentes no sistema cognitivo e analógico que condicionam as ações humanas e suas práticas devocionais. Após meditar através da sincronia entre “espiritualidade visualizada” e suas orientações para a assimilação da doutrina cristã, o jesuíta, não só estaria preparado para a pregação, devido a sua conversão interior, como também devido a sua facilidade em reconstruir para o público uma imagem que já estaria arraigada em sua memória.

Portanto, a hipótese de Coupeau – defende que a obra nadalina em questão fora elaborada para um público leigo, de fora da Companhia de Jesus – não corresponde com o objetivo primário nadalino: publicar um livro imagético de meditações, no intuito de aperfeiçoar a formação dos jovens integrantes da Ordem, através de um melhor entendimento de seu papel no mundo e melhor preparação para lidar com a expansão protestante que relega a fé, a salvação da humanidade.

A experiência sensória seria o caminho, encontrado por Nadal, para facilitar a passagem jesuítica ao *corde*, pois mobiliza o espectador, levando-o à contemplação do *spiritu*, e, conseqüentemente a *practice* no mundo. Com a exceção de Loyola, Nadal foi o principal responsável pela formação dos jesuítas e sua obra **Adnotationes et Meditationes** representou a completude de suas inúmeras instruções e o fim de sua busca à harmonia entre vida contemplativa e ativa[35].



A questão da identidade, referente à Companhia de Jesus, mais do que um programa de pesquisa corrente, ainda é um “problema” que permite investigar experiências temporais e espacialmente distantes. As fontes jesuítas (documentos, cartas e etc) só tornaram-se disponíveis para o público leigo em fins do século XIX. A questão da identidade jesuítica, anteriormente estava relacionada a uma auto-representação da própria Companhia; essa auto-análise e autocrítica ainda é vigente, pois as mudanças culturais, políticas e sociais sempre tornarão necessários os estudos sobre a posição das ordens religiosas em um mundo cada vez mais secular. Contudo o estudo histórico sobre a identidade jesuíta só começa a ser analisado atualmente, dificultando sua configuração como conceito.

A relevância de um estudo sobre esta Ordem decorre de sua influência não apenas religiosa, como também política, uma vez que os colégios e universidades jesuítas ganharam extremo reconhecimento e importância, durante este período - durante o decorrer deste século percebemos o rápido crescimento desta ordem pela Europa e suas colônias ocidentais e orientais. Compreender o seu “modo de proceder” significa, portanto, aproximar-se da formação intelectual de uma elite que influenciou não apenas a cultura política européia como também a americana devido ao colonialismo presente na época moderna.

Atualmente, vemos um grande esforço desta mesma ordem religiosa em consolidar o significado da Companhia no mundo contemporâneo. Para isso, houve a retomada de alguns de seus mais influentes pensadores; uma genuína tentativa de olhar o passado com os olhos e as questões do presente. De acordo com José Carlos Coupeau[36], o Concílio Vaticano II possibilitou a retomada de escritos da Contra reforma, na busca de uma resposta à secularização da sociedade contemporânea. A reedição da obra natalina em 2005, assim como a renovação dos estudos deste autor, por muitos anos esquecido, demonstra a necessidade da Companhia em repensar o seu papel no mundo, além de reforçar a importância deste estudo por sua atualidade. A escolha da obra de Jerônimo Nadal deveu-se a seu papel dentro da própria Companhia, pois como propagador das *Constituições* por toda a Europa, Nadal tivera um maior contato com seus companheiros do que o próprio fundador Inácio de Loyola, o qual, quando enfermo designara Jerônimo como o geral de sua Ordem.

*“Sin Jerónimo Nadal, la Compañía de Jesús no hubiera sido lo que fue en el siglo XVI y, sin aquella Compañía, Europa no hubiera sido lo que es. La Contrarreforma y la autoridad del papado, que, para bien o para mal, salió reforzada en Trento y ha configurado y sigue en buena parte forjando los destinos de amplios sectores de la sociedad actual, tal vez no hubieran sido tal como son ahora si Jerónimo Nadal no hubiese tomado sobre sí la tarea de tratar con los emperadores del sacro Imperio para hacer valer sus puntos de vista teológicos. Sin Jerónimo Nadal y su eminente espíritu organizativo, los colegios de la Compañía de Jesús, a los que él dio inicio (...) ciertamente no hubieran sido lo que han sido hasta ahora. En ellos se ha formado durante quinientos años la elite de Europa y de América que ha regido los destinos del mundo, tanto en el campo civil como en el religioso. Obras suyas (o autor refiere-se a obra imagética aquí analizada) influyeron decididamente en China, en Japón y en Corea. Todo esto testimonia que Nadal dejó una impronta personal en la historia de nuestro mundo”[37].*

Portanto, a análise da cultura visual natalina nos aproxima não apenas do “modo de proceder” passado à maioria dos jesuítas de sua época, como também nos ajuda a compreender a importância de sua retomada nos dias atuais. Nadal tentara passar a seus companheiros o significado de ser um jesuíta, em meio às críticas que fragilizaram a identidade e relevância da Companhia perante as demais ordens religiosas[38]. A contemporaneidade trouxera consigo a fragmentação do homem através de sua multiplicidade de papéis e negação de uma unidade identitária. O retorno de obras como a de Nadal demonstram uma tentativa de ratificar, mais uma vez, seu papel e sua importância no mundo, através do fortalecimento de uma identidade religiosa.

## Referências

- 1- NADAL, Jerônimo. **Annotations and Meditations on the Gospels**. Vols. I, II e III. Tradução de HOMANN, Frederick. Philadelphia: Saint Joseph's Press, 2003.
- 2- JIMENEZ, Diego. *To our Most Holy Lord Clement VIII Supreme Pontiff*. In: NADAL, Jerônimo. **Annotations and Meditations on the Gospels**. Vols. I, II e III. Tradução de HOMANN, Frederick. Philadelphia: Saint Joseph's Press, 2003. Pg 99.
- 3- COUPEAU, Jose Carlos S.J. "Los Diálogos de Nadal. Contexto histórico-literario y hecho retórico." In: **Ignaciana**. Vol. 3 (2007). Pg.10.
- 4- JIMENEZ. Op. Cit. Pg. 101.
- 5- Apud MELLION, op.cit. pg1
- 6- In: ASTRAIN, Antoine. **Historia de la Compania de Jesus em la Assistência de Espana**. vols I,II. Madrid: SE, 1912. Pg.386.
- 7- In: BANGERT, William. **Jerome Nadal, s.j. 1507-1580. Tracking the First Generation of Jesuits**. Chicago: Loyola University Press, 1992. op.cit., pg 50.
- 8- BATAILLON, Marcel. **Erasmus y Espana**. México: Fondo de Cultura Economica, 1996. Pg. 2.
- 9- Id. Pg.13.
- 10- Id. Pg. 48
- 11- FREEDBERG, David. **The Power of Images**. Chicago: The University Chicago Press; 1989. Pg.174.
- 12- FREEDBERG, David. **The Power of Images**. Chicago: The University Chicago Press; 1989. Pg.162.
- 13- FLOR, Fernando R. de La. **Teatro de La Memoria**. Salamanca: Junta de Castilla y León, 1966
- 14- FABRE, Pierre – Antoine. *Les Exercises spirituels sont-ils illustrables?* In: **Les Jesuites à L'âge baroque**. Grenoble: Jerome Millon; 1996.
- 15- FREEDBERG, David. **The Power of Images**. Chicago: The University Chicago Press; 1989.
- 16- Ver FREEDBERG, David. **The Power of Images**. Chicago: The University Chicago Press; 1989. Pg.179.
- 17- NADAL, Jeronimo. **Annotations and Meditations on the Gospels**. Vols. I, II e III. Tradução de HOMANN, Frederick. Philadelphia: Saint Joseph's Press, 2003. Pg. xi.

- 18- In: BANGERT, William. **Jerome Nadal, s.j. 1507-1580. Tracking the First Generation of Jesuits.** Chicago: Loyola University Press, 1992. op.cit., pg 218.
- 19- NADAL, Jerônimo. **Platicas Espirituales en Coimbra 1561.** Tradução de NICOLAU, Miguel. Granada: Facultad Teológica de la Compania de Jesus, 1945. Pg 45.
- 20- Id., 1945, pg. 75.
- 21- Id, 2003, pg.113
- 22-MELLION, Walter S. **The Art of Vision in Jerome Nadal's Adnotationes et Meditationes in Evangelia.** St. Joseph's University Press; 2006.
- 23-In: OLIVEIRA, op.cit. pg. 8
- 24-NADAL, *Epistolae et Monumenta* apud BANGERT, op. cit. pg. 144
- 25-O'MALLEY, John. **Os Primeiros Jesuítas,** São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; 2004.
- 26-In: ARGAN, 2004, pg pg 25.
- 27-In: HOMANN, 2003, pg. xi
- 28-Ibid, pg 126.
- 29-FLOR, Fernando R. de La. **Teatro de La Memoria.** Salamanca: Junta de Castilla y León, 1966. Pg. 57
- 30-NADAL, Jerônimo. **Platicas Espirituales en Coimbra 1561.** Tradução de NICOLAU, Miguel. Granada: Facultad Teológica de la Compania de Jesus, 1945
- 31-JIMENEZ, 1607, apud NADAL, 2003, pg 99
- 32-In: FREEDBERG, op.cit. pg 180
- 33-NADAL, Jerônimo. **Platicas Espirituales en Coimbra 1561.** Tradução de NICOLAU, Miguel. Granada: Facultad Teológica de la Compania de Jesus, 1945. Pg 199.
- 34-JIMENEZ, 1607, apud NADAL, 2003, pg 99
- 35- In: BRODRICK, 1997, pg. 205 et seq.
- 36-COUCPEAU, Jose Carlos. "Los Diálogos de Nadal. Contexto histórico-literario y hecho retórico." In: **Ignaciana.** Vol. 3 (2007), 3-80.
- 37-CANELLAS, Juan Nadal S. J. **Jeronimo Nadal. Vida e influjo.** Cantabria: Editorial Sal Terrae, 2007. Pg. 12.

38-Refiro-me tanto às críticas protestantes, quanto as divergências internas que assolavam a Companhia de Jesus naquela época. Ver O'MALLEY, John. *Os Jesuítas e a Igreja como um todo*. In: **Os Primeiros Jesuítas**, São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; 2004

### **Bibliografia**

1-ARGAN,G. **Renascimento y Barroco**. Madrid, Akal: 1987

2-\_\_\_\_\_, **Imagem e Persuasão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

3-ARISTOTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**, Rio de Janeiro: Ediouro; 2000

4-\_\_\_\_\_, **Retórica das Paixões**. Tradução MEYER, Michel.São Paulo: Martins Fontes, 2003.

5-ASTRAIN, Antoine. **Historia de la Compania de Jesus em la Assistência de Espana**. vols I,II. Madrid: SE, 1912.

6-AUERBACH, Erich. **Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental**. Sao Paulo, Perspectiva: 1992.

7-\_\_\_\_\_, **Figura**. São Paulo: Editora Atica, 1997.

8-BANGERT, William. **Jerome Nadal, s.j. 1507-1580. Tracking the First Generation of Jesuits**. Chicago: Loyola University Press, 1992.

9-BAXANDALL, Michael. *El ojo de la época*. In: **Pintura y bien venida cotidiana en el Renacimiento. Arte y experiencia en el Quattrocento**. Barcelona: SD; 1988

10-BRODRICK, James. **The Origino f the Jesuits**. Chicago: Loyola Press, 1997.

11-BURKE, Peter. **O que é Historia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

12-BUSER, Thomas. Jerome Nadal and the Early Jesuit Art in Rome. **The Art Bulletin**. V.58 no 3, pg 424-433, set., 1976.

13-CERQUEIRA, Luiz Alberto (org.) **Aristotelismo Antiaristotelismo.Ensino de Filosofia**. RJ: Editora Agora da Ilha, 2000.

14-DIONYSIUS. **The Mystical Theology and The Divine Names**. Tradução ROLT, C.E. New York: Dover Publications, Inc., 2004.

15-FALCON, Francisco. **História Cultural**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

16-FREEDBERG, David. *The power of Images: Response and Repression*. IN: **The Power of Images**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

17-FUMAROLI, Marc. **L'Age de L'Eloquence**,

18-GARIN, E. **O Homem Renascentista**, Lisboa: Presença; 1991.

- 19-GINZBURG, Carlo. **Relações de Força. História, Retórica, Prova.** Tradução de NETO, Jonatas. SP: Companhia das Letras, 2000.
- 20-HANSEN, João Adolfo. **Alegoria, construção e interpretação da metáfora**, São Paulo, Atual Editora, 1986, 1ª edição
- 21-LOYOLA, Inácio. **Autobiografia de Inácio de Loyola.** Tradução de Armando Cardoso. SP: Edições Loyola, 1987.
- 22-MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens.** São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- 23-MARAVALL, Jose Antonio. **A Cultura do barroco. Análise de uma estrutura histórica.** São Paulo, EDUSP: 1997.
- 24-MASAO, João. *A Janela do Mundo: A Arte do Renascimento.*In: **Modernas Tradições.** Rio de Janeiro: Access; 2002
- 25-MELION, Walter. The Art of Vision . In: NADAL, Jeronimo. **Annotations and Meditations on the Gospels.** Vols. I, II e III. Tradução de HOMANN, Frederick. Philadelphia: Saint Joseph's Press, 2003.
- 26-MOTIFF, John. Francisco Pacheco and Jerome Nadal: New Light on the Flemish Sources of the Spanish " Picture- within-the- Picture". **The Art Bulletin.** Vol.72, no 4, pg 631-638, dez., 1990.
- 27-NADAL, Jerônimo. **Comentários sobre o Instituto da Companhia de Jesus**, São Paulo, SP: Edições Loyola; 2004
- 28-\_\_\_\_\_, **Annotations and Meditations on the Gospels.** Vols. I, II e III. Tradução de HOMANN, Frederick. Philadelphia: Saint Joseph's Press, 2003.
- 29-\_\_\_\_\_, **Platicas Espirituales en Coimbra 1561.** Tradução de NICOLAU, Miguel. Granada: Facultad Teológica de la Compania de Jesus, 1945.
- 30-O'MALLEY, John. **Os Primeiros Jesuítas**, São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS; 2004
- 31-PANOFISKY, Erwin. **Significado nas artes visuais** São Paulo, Perspectiva: 1991.
- 32-REALE, Giovanni. **História da Filosofia**, São Paulo: Paulus, 1990
- 33-REBOUL, Oliver. **Introdução à Retórica.** São Paulo: Martins Fontes, 2004
- 34-RICCI, Matheo. **China in the 16th Century. The journals of Matthew Ricci 1583-1610.** Tradução de Louis Gallagher. New York: Random House, 1953.
- 35-SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**, SP: Edusc; 2002, vol. 1

36-WADELL, Maj-Brit. **Evangelicae Historiae Imagines. Entstehungsgeschichte und Vorlagen.** Goteborg: Acta Universitatis Gothoburgensis, 1985.